

Partindo daí, desenvolvéis o seguinte raciocínio: “Mas, na mesma língua, através da mesma língua, pode manifestar-se mais de um estilo nacional. Aliás, isso é óbvio. Pois se a língua se presta ao surto de mil estilos individuais, sem se desfigurar, sem perder o “sistema”, não poderá então prestar-se à manifestação de dois ou três estilos nacionais?” (p. 109).

A vossa obra já vos tem granjeado merecida reputação. Provam-no os cursos que ministrastes, em 48 e 49, na Faculdade de Filosofia do Recife e, em 49 e 50, na Faculdade de Filosofia e Letras de Juiz de Fora. É a justiça ao vosso merecimento, prêmio ao vosso trabalho, é a consagração desta tarde. Tendes direito a um lugar nesta Academia Brasileira de Filologia. Sede benvindo, pois, Prof. Gládstone Chaves de Melo.

(Trecho do discurso de recepção, in *Conceito e Método da Filologia*, Rio de Janeiro, Organização Simões, 1952, pp. 22-29.)

DUAS NOTÍCIAS CRÍTICAS DE UM GRANDE LIVRO

1. GLÁDSTONE CHAVES DE MELO, *INICIAÇÃO À FILOLOGIA PORTUGUESA* (Rio de Janeiro, Organização Simões, 1951).

Ismael de Lima Coutinho

O autor da *Iniciação à Filologia Portuguesa* não é um estrepante em nossas letras filológicas, apesar de ainda moço. Não é, nem poderia ser. Obras da natureza da que escreveu, não se improvisam, mas requerem maduro estudo e uma boa dose de experiência, colhida no exercício do magistério. Gládstone Chaves de Melo já se credenciaria, no conceito público, a tão alta quão difícil empresa, com publicações reputadas de valor. É assim que lhe deve a nossa bibliografia filológica uma excelente edição de *Iracema* de José de Alencar e uma não menos excelente obra sobre *A Língua do Brasil*, além de trabalhos menores, impressos em revistas e jornais.

É o jovem autor, ademais, membro proeminente da Academia Brasileira de Filologia e docente de Língua Portuguesa na Faculdade Nacional de Filosofia, onde, ao lado do venerando mestre Dr. Sousa da Silveira, se vem esforçando por manter, em nível bem elevado, as tradições do ensino superior, na capital da república. Não ingressou na docência daquela instituição cultural, por influências estranhas, mas honestamente, graças ao próprio merecimento. A situação que ali desfrutava, conquistou-a ele, após brilhante concurso, em que

deixou evidenciados os seus amplos conhecimentos da matéria e superiores qualidades didáticas.

Com tantos títulos, podia Sua Senhoria descansar, não obstante a idade, mas não o quis. Não o quis, nem seria isso talvez compatível com o seu temperamento dinâmico e espírito pesquisador. A prova temo-la palpável na obra que acaba de publicar sob o título *Iniciação à Filologia Portuguesa*, destinada à mais larga repercussão. Nela mostra o Prof. Gládstone o verdadeiro caminho que deve trilhar todo aquele que queira dedicar-se, com proveito, ao estudo dessa árdua ciência. Não se trata de um livro apenas para neófitos; com sua leitura, lucrarão todos, alunos e mestres, sem excluir mesmo alguns daqueles graves senhores que se rotulam, ou se deixam rotular enfaticamente de filólogos.

Os principais assuntos, que interessam à Filologia, são aí expostos, com pleno conhecimento da matéria e segurança metodológica. Para nos convenceremos disso, basta uma leitura rápida dos capítulos que constituem a *Parte Geral*, em que estão focalizadas questões da maior relevância, como as que se referem ao caráter científico da Filologia, seus problemas e métodos, ao valor dos textos e à seleção da bibliografia. Na *Parte Especial*, merecem especial menção os relativos à língua portuguesa, ao infinito pessoal, à concordância, à colocação de pronomes átonos, à classificação das palavras, à análise sintática, onde procura o autor colocar as coisas nos seus respectivos lugares, mostrando o que se tem feito de errado até aqui, nesses domínios, e traçando as verdadeiras diretrizes, que se devem seguir no versar tais assuntos.

O que escreve sobre a análise sintática, então, pela importância demasiada que muitos professores lhe dão no ensino da língua, deveria ser transcrito em todos os compêndios de Português. Quem sabe? Talvez servisse isso para pôr de sobreaviso aos colegas ingênuos, imbuídos da falsa idéia de que a análise sintática, com as complicações da nomenclatura a que a sujeitam, é o *nec plus ultra* ou a *ultima ratio*, para o conhecimento do vernáculo.

Sabe Gládstone Chaves de Melo, como poucos, apresentar as coisas mais sérias numa linguagem clara e acessível, num estilo agradável e animado, às vezes mesmo jocoso, que desmente o conceito arraigado em muita gente de que a obra de ciência é de leitura pesada, sensaborona, indigesta. Devoram-se as quase 300 páginas da sua *Iniciação* sem fadiga, antes com aprazimento e sempre crescente curiosidade, o que convenhamos, é segredo que só possuem os grandes mestres da arte de escrever.

Infelizmente, nem sempre estamos de acordo com tudo o que diz. Achamos que Sua Senhoria se excede em certas críticas. Um exemplo? A que faz aos autodidatas. A fundação de escolas de filosofia é fato muito recente no Brasil. Até bem pouco tempo, o que imperava, entre nós, era o auto-

didatismo. Nesta escola, formaram-se os grandes mestres, que ilustraram a cátedra de Português dos nossos principais estabelecimentos de ensino, como Carlos de Laet, Silva Ramos, Maximino Maciel, Mário Barreto e outros, para só falar nos mortos. A eles se podem juntar ainda não poucos vivos, que continuam, no presente, a sua gloriosa tradição. Incriminá-los por terem sido autodidatas, é responsabilizá-los por uma culpa que não lhes cabe. Estudando e produzindo numa época em que tudo lhes era difícil, fizeram jus, por isso mesmo, ao nosso apreço e, mais do que isso, à nossa admiração.

Achamos que Sua Senhoria também é demasiado rigoroso com os gramáticos. É verdade que não se refere propriamente aos dignos desse nome, mas “aos gramatiqueros, aos forjicadores de regrinhas, aos guarda-civis da língua, esses sujeitos de colarinho duro e punho engomado a quem um pronome “mal colocado” provoca enxaqueca e um galicismo causa arrepios ou convulsões vernáculas.” Não menos verdade, porém, é que dentro do arcabouço dessa figura caricata que descreve, pode caber uma respeitável parte da geração dos mestres de antanho. Como quer que seja, não há negar que foram eles – os Figueiredos e os Lagos – que chamaram a atenção para os problemas da língua, que procuraram dar certa disciplina onde só havia o arbítrio e despertaram essa reação benéfica que hoje encontramos nas páginas do autor da *Iniciação à Filologia Portuguesa*. É mister também não esquecer que a língua francesa deve muito do que hoje é à ação de seus gramáticos, em cujo número se arrolam não poucos dos que hoje chamaríamos “gramatiqueros”.

Outros juízos e conceitos de Sua Senhoria, espalhados aqui e ali, no corpo da obra, dariam motivo a mais alguns reparos. Mas preferimos não abusar da gentileza do diretor da revista, roubando-lhe maior espaço. Como fecho às nossas considerações, entretanto, assinalemos um caso último de divergência com relação ao emprego do *r*, *s*, *f*, *l*, na antiga escrita, diz Sua Senhoria textualmente: “A geminação destas últimas consoantes na escrita era bem arbitrária, de modo que se encontram nos velhos textos grafias como *terrei* (por *terei*), *recorer*, *barete*, *coussas*...” (*Iniciação à Filologia Portuguesa*, p. 207). Ora, não nos parece acertado afirmar que a duplicação do *r*, no futuro arcaico *terrei*, seja grafia arbitrária e que, em seu lugar, se poderia empregar *terei*. Não nos parece acertado, porque *terrei* é forma legitimamente fonética, derivada de **ten(e)rei*, com assimilação do *n* ao *r*, do mesmo teor que *porrei* se originou de **pon(e)rei* e *verrei* ou *vinrei*, de **vin(e)rei*. A par de *terrei*, era também corrente, na antiga língua, *teerei*, de formação analógica, com base no infinito *teer*. Este futuro, sim poderia substituir aquele, não o moderno *terei*.

As discordâncias apontadas, diga-se de passagem, originárias o mais das vezes de situações ou pontos de vista diferentes, longe de diminuir,

antes confirmam o alto apreço em que temos os méritos do prof. Gládstone Chaves de Melo, que é, sem favor, um dos mais altos representantes da moderna geração de filólogos brasileiros.

[Coleção de inéditos de Ismael de Lima Coutinho.]

2. GLÁDSTONE CHAVES DE MELO E O BOM COMBATE PELO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA [Apresentação da 6ª edição de *Iniciação à Filologia e à Lingüística Portuguesa*, Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1981].

Rosalvo do Valle

Quem assistiu ao nascimento deste livro em 1951 e o vem acompanhando até hoje vê agora com satisfação redobrada o lançamento desta sexta edição.

Tendo surgido num momento em que o ensino gramatical ainda não se beneficiara amplamente da orientação lingüística, o livro veio corajosamente combater certos vícios em que incorriam até alguns professores ilustres, em respeito a essa mal entendida tradição gramatical.

Vigorava, com a maior pujança, um rol de regrinhas gramaticais, nem sempre bem elaboradas, que alunos de ensino médio e candidatos a concursos deveriam memorizar para aplicação em exercícios ou em textos para corrigir. E diga-se a bem da verdade que não faltavam nessa época excelentes manuais (excelentes até hoje) que transmitiam a boa doutrina gramatical.

Então, este livrinho apologético, escrito “para defender os métodos, o espírito e as conclusões da Filologia Portuguesa Contemporânea” pregava veementemente a adoção de procedimentos metodológicos hoje pacíficos (citação precisa, escolha do texto fidedigno...), bem como inculcava noções lingüísticas fundamentais: erro e acerto em linguagem, diversidade de usos lingüísticos, norma gramatical, etc., noções que as boas gramáticas atuais apresentam como preliminares indispensáveis.

A *Iniciação* foi, portanto, um livro de vanguarda e tem seu lugar assegurado entre os melhores compêndios que propugnaram pela renovação do ensino da língua portuguesa. Por isso, é fácil compreender a acolhida que desde logo mereceu de um grande público – sobretudo do interior do país – ávido também de atualização, que, no entanto, não podia freqüentar os raros cursos superiores de Letras então existentes. Somos testemunha dessa aceitação e das “aberturas” que o livro propiciou a um sem-número de professores que freqüentaram os sempre lembrados cursos da CADES.